

PÓS-MODERNIDADE E VERTIGEM EXISTENCIAL ENTRE JOVENS

POST-MODERNITY AND EXISTENTIAL VERTIGATION BETWEEN YOUNG PEOPLE

Sonielson L. Sousa 1
Cynthia Mara Miranda 2

Resumo: A Pós-Modernidade cria uma dinâmica de individualização que afeta a todos (BAUMAN, 2007), mas que impacta de forma ainda mais incisiva as populações jovens, notadamente os jovens de classes sociais menos favorecidas, que são submetidos a uma espécie de violência simbólica sob a forma de autoviolência (BIRMAN, 2013). A partir de pesquisa bibliográfica o artigo aborda como a dinâmica contemporânea gera uma gama de jovens descontentes e frustrados por não conseguir inclusão na sociedade do consumo. Assim, ter e aparentar originalidade custa caro, sendo, portanto, um privilégio que requer esforço ad eternum para que o jovem, mais à frente, não se depare com o fantasma da invisibilidade. Desta forma, conclui-se que a possibilidade de que os jovens menos favorecidos usufruam de um processo de individualização e de formação identitária adequada (aos padrões liberais de consumo) é algo inalcançável para a maioria destes.

Palavras-chave: Pós-Modernidade; juventude; violência, psicologia.

Abstract: Post-modernity creates a dynamic of individualization that affects all (BAUMAN, 2007), but which impacts even more incisively the young populations, who are subjected to a kind of symbolic violence in the form of self-violence (BIRMAN, 2013). From a bibliographical research the article discusses how the contemporary dynamics generates a range of discontented and frustrated young people for not being able to be included in the consumer society. Thus, having and pretending originality is costly, and therefore a privilege that requires ad eternum effort so that the young person, later, does not come across the ghost of invisibility. In this way, it is concluded that the possibility that the middle-class young people of medium and large cities in Brazil enjoy a process of individualization and adequate identity formation (to the liberal standards of consumption) is unattainable.

Key words: Post-Modernity; youth; Violence, psychology.

Graduado em Comunicação Social (Ceulp/Ulbra) e em Filosofia 1
(Universidade Católica de Brasília), professor de Filosofia no curso de
Psicologia do Ceulp/Ulbra. Editor do jornal e site O GIRASSOL, é mestrando
em Comunicação e Sociedade pela UFT – Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: sonielson.davince@gmail.com

Doutora e mestream Ciências Sociais (UnB), graduada em Comunicação 2
Social (UFT), professora Adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins
(UFT). Integra o Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas
Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje-UFT) e o Núcleo de Estudos das
Diferenças de Gênero (NEDIG-UFT). E-mail: cynthiamara@mail.uft.edu.br

Introdução

Teóricos da Psicanálise (BIRMAN, 2016), Filosofia (FOUCAULT, 1987) e Sociologia (BAUMAN, 2007) se debruçam sobre as novas formas de subjetivação num mundo contemporâneo marcado por rapidez e inconstância nas interações sociais, afetivas e profissionais. Bauman (2007) denomina o momento atual das relações superficiais de Modernidade Líquida, enquanto Lipovetsky (2004) caracteriza como era do vazio e hipermodernidade.

Em linhas gerais, trata-se de um período marcado pelo enfraquecimento do estado enquanto instância mediadora hegemônica – que, em sua faceta mais extrema, resultou na formação de estados totalitários, como bem lembra Arendt (2012) –, aliado a uma espécie de interregno quanto às expectativas referentes aos novos modelos de educação e sociabilização nos núcleos parentais (FREIRE COSTA, 2004). Se por um lado as antigas estruturas mediadoras aterrorizavam em sua onipotência – numa tentativa de substituição dos arcaísmos eclesiais até então vigentes (FOUCAULT, 1987) –, por outro lado, criava as condições mínimas de apaziguamento (FREIRE COSTA, 2004, p. 15), o que permitia um terreno minimamente seguro para a juventude. Com a aparente difusão do poder à massa anônima, já que as estruturas intercessoras da Modernidade (como igreja e o estado) se enfraqueceram, no entanto, a ansiedade e insatisfação tornam-se referências corriqueiras para as populações jovens – sobretudo os jovens de classe baixa –, que passam a viver num cenário de autoviolência (BIRMAN, 2013; FREIRE COSTA, 2004).

Sustentando esta dinâmica, pontua Bauman (2007), está a lógica internacional dos mercados de capitais que, em sua gênese, é o mais líquido dos processos (PONDÉ, 2011). A ação ocorre através de técnicas descentralizadoras e da globalização. Ora, ao que parece, esta configuração contemporânea de mundo, além de exercer forte impacto nas dimensões de Estado, Soberania e Bem-Estar Social (BAUMAN, 2007), uma vez que há um contínuo e rápido esvaziamento do poder político e da chamada tradição, provocou também mudanças profundas nas relações pessoais, profissionais e na produção de subjetividade (formações identitárias), já que houve um deslocamento da centralidade na moralidade tradicional – que sai da perspectiva da geração de segurança para a valorização de hábitos que remetem à liberdade –, provocando um enorme mal-estar geral, sobretudo nos jovens (BIRMAN, 2013). É prematuro afirmar, no entanto, que necessariamente tal mudança tenha acarretado em rebaixamento da consciência crítica, como pontuado por Luckmann (2004 apud FREIRE COSTA, 2004). No entanto, tal dinâmica contemporânea acabou por provocar uma celeuma, um sofrimento psicológico (BAUMAN, 2007) ou vertigem existencial (BIRMAN, 2013) entre os jovens em geral, mas especialmente entre aqueles de classes sociais mais vulneráveis.

Por jovem, será utilizado um conceito sociológico que caracteriza a juventude como uma construção social e cultural. Uma fase de transição ora marcada pela dependência – emocional e econômica –, ora pontuada por arroubos de autonomia, cujo foco é a obtenção de um espaço de visibilidade social. O jovem contemporâneo, portanto, oscila entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder, através de vários mecanismos, dentre eles o consumo e o cuidado com o corpo.

Este artigo baliza os desdobramentos que a Pós-Modernidade vem infringindo nestes jovens – com ênfase naqueles de classe social menos privilegiadas economicamente –, suas consequências de ordem ética e subjetiva e, por fim, apresenta considerações no sentido de elucidar os mecanismos que eclodem para o surgimento de uma dada parcela da população submersa na ambivalência entre o imperativo do consumo e as contingências impostas pela suas próprias condições sociais.

Panorama desafiador

Bauman (2007) sustenta que os jovens – sobretudo os de classes baixas – são instados a enfrentar – de forma dramática e em curtos espaços de tempo – as intempéries resultantes do intervalo entre a sólida modernidade e o que poderá vir a se tornar num novo modelo de mediação das vontades humanas. Ou seja, diante do cenário de maior liberdade, os jovens de classes elevadas não mais sofrem pela falta de possibilidades, mas pelo excesso destas, num processo vertiginoso e angustiante que pode resultar em violência no âmbito psíquico, já que não há tempo para consolidar tais mudanças (SENNETT, 2012), cujos desenlaces ainda são imprevistos (PONDÉ, 2014).

Paradoxalmente, os jovens das classes baixas acabam por experimentar problemas na incessante corrida para manter-se na dinâmica de consumo – corrida esta que supostamente legitima-os como portadores de credenciais para participar das estratégias aceitáveis de vida. Não

bastasse, como defende Sennett (2012), a crise que a princípio pareceu acometer apenas os mais jovens vem se arrastando quase que *ad eternum* também entre os adultos, aspecto este que não será aprofundado neste artigo. Na visão de seu colega sociólogo polonês, isto ocorre porque

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente. (BAUMAN, 2007, p. 7).

Ora, sob tais circunstâncias, às populações de hoje não podem basear-se em táticas e movimentos solidificados pelo passado (seja através da sedimentação histórica oferecida pela tradição, seja pelas trocas e negociações decorrentes de laços parentais), já que “testes anteriores não podem dar conta das rápidas e quase sempre imprevisíveis mudanças de circunstâncias” (Idem, *Ibidem*, p. 8).

As aceleradas mudanças nos mais diversos campos da vida contemporânea vão desde a dinâmica da obsolescência programada – data de validade – dos produtos, circunstância que faz com que os jovens busquem incessantemente por lançamentos tecnológicos em diversas áreas, até a volatilidade com que os laços afetivos são construídos, a partir de relacionamentos de bolso, notadamente a partir da mediação de plataformas de encontros ao estilo Tinder (aplicativo que compara perfis, na web). Além disso, em decorrência da espetacularização da vida (DEBORD, 2010), o jovem de classe baixa se vê diante de uma constante e dupla tensão. Por um lado é impelido a consumir e, por outro lado, tem que publicizar tal dinâmica nas mídias sociais, sob pena de viver no anonimato, um dos grandes medos da contemporaneidade.

Birman (2013) defende que, na atualidade, outro ingrediente se soma à incerteza que permeia a vida juvenil. Trata-se da fraternidade como dimensão basilar da modernidade, que gradativamente perde força, na esteira do enfraquecimento do núcleo parental imediato e do fortalecimento dos discursos de autoridade oriundos, majoritariamente, das celebridades midiáticas (FREIRE COSTA, 2004). Estes jovens reduziram seus espaços de trocas sociais às telas de computadores e celulares, com a substituição dos relacionamentos face-a-face pelos relacionamentos virtuais. Isto pode colaborar para um aumento do isolamento social e, conseqüentemente, para a sensação de vazio existencial e falta de perspectiva no futuro.

Os veículos de comunicação de massa passam, então, a monopolizar a tônica discursiva (FREIRE COSTA, 2004; CHAUI, 2006), afinal são legitimadores de narrativas hegemônicas. Desta forma, predomina um cenário onde impera uma espécie de “terra de ninguém que se coloca a todo o momento” (BIRMAN, 2013) como um desafio a ser constantemente superado. Como já explicitado por Chauí (2006), os meios de comunicação produzem imagens que são, na verdade, simulacros da realidade. Um destes simulacros diz respeito a um ideal de corpo. Como exemplo, veem-se os programas de TVs abertas no Brasil, notadamente na TV Globo, cuja corporeidade, entre os jovens de classe média-alta, é retratada pelo prisma do corpo tonificado, malhado (não por menos há um programa que é exibido há mais de uma década que se chama Malhação). Estes modelos ideais veiculados em tvs abertas em alguma medida exercem uma pressão para que os jovens de classes baixas também tentem se enquadrar na dinâmica atual. O corpo é o único recurso que lhes resta para ser trabalhado, moldado, tonificado.

Por esta ótica, os dispositivos de controle – inserindo aí as relações de poder explicitadas pela imprensa (ORTEGA, 2006) – reforçam o lugar do jovem numa situação de ambivalência, impelidos a consumir constantemente – mesmo que não haja aporte financeiro para isso e, de outro lado, exortados a veicularem os produtos de consumo – ou as intervenções no corpo – a partir de redes sociais eletrônicas.

O problema, como defendem Bauman (2007), Chauí (2006) e Sodré (2001) é que o excesso de opções é apenas aparente, diante de um panorama atual que não permite deslizes.

Velocidade, e não duração, é o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente

contínuo da vida terrena. Ou pelo menos é isso que o “*lumpem-proletariado* espiritual” tenta, e espera, alcançar. O truque é comprimir a eternidade de modo a poder ajustá-la, inteira, à existência individual. A incerteza de uma vida mortal em um universo imortal foi finalmente resolvida: agora é possível parar de se preocupar com as coisas eternas sem perder as maravilhas da eternidade (BAUMAN, 2007, p. 15).

Com a desenfreada dinâmica da ascensão a qualquer custo, como pontua Sennett (2012), outra variante passa a perseguir os jovens de maneira particular, sob a forma de uma inquietação (BIRMAN, 2013). Trata-se de uma cisão que vai se

tornar patente sobre a forma das perturbações psíquicas dos indivíduos, seja sobre a forma da violência ou da criminalidade. Aquilo que no discurso sociológico se chama de patologias do social (BIRMAN, 2013).

Birman (2013) reforça esta ênfase a partir das teorias de Lacan (1938), que articula o mal-estar com o que passou a chamar de humilhação da figura do pai, antigo discurso regulador que gradativamente perde força no cenário pós-moderno. Assim, aliado ao contínuo movimento com que os jovens são submetidos (BAUMAN, 2007), e à ideia de trabalhar por um progresso ininterrupto e um excessivo autogerenciamento da vida (PONDE, 2014), a mudança nas configurações familiares seria um dos componentes a explicar a violência individual e coletiva, que notadamente assola parte da juventude brasileira, e que acabou por ganhar contornos de desalento nesta mesma população (BIRMAN, 2013).

As dinâmicas contemporâneas, portanto, também representam um eco destas mudanças estruturais ocorridas no século XX. Além disso, Bauman (2007) e Birman (2013) prosseguem assinalando que, mais à frente, a decomposição do estado de bem-estar social na Europa deságua numa sociedade de risco, propícia ao aumento da violência. O Brasil, apesar de o estado de bem-estar social sequer ter se instalado, acaba por experimentar formas de subjetivação próprias desta dinâmica, em parte devido ao fenômeno da globalização. Neste panorama

nenhum de nós conta mais com nenhum tipo de proteção do Estado, onde nós estamos lançados ao ‘Deus dará’, e onde efetivamente todo problema das subjetividades vai ser associado a esta problemática. Um autor como Michel Foucault (1926-1984) vai dizer que a nossa modernidade já é constituída em torno de uma sociedade de risco. O que ocorre nas últimas décadas é simplesmente uma radicalização da dimensão de risco que caracteriza a sociedade contemporânea. (BIRMAN, 2013)

Em Bauman (2007), esta perspectiva de radicalização se alia à mudança na forma como o tempo é encarado. Ou seja, antes do advento da pós-modernidade, os jovens resistiam à excessiva aceleração, em alguma medida, porque mantinham certa estreiteza com produções utópicas diversas, de modo que tais jovens “tentavam fechar o torturante fosso entre a pobreza de uma vida curta e mortal e a riqueza infinita do universo eterno com esperanças de reencarnação ou ressurreição” (BAUMAN, 2007, p. 15). Atualmente, na agudez com que o desencantamento se apresenta, o próprio princípio de aceleração que permeia a vida não admite contingenciamentos e/ou limites, impingindo aos jovens a responsabilidade por atuar de forma obsessiva na reciclagem, revisão e reconstituição de suas identidades.

Trata-se de um movimento contínuo para, na esfera pública, demonstrar que detém uma identidade compatível com as expectativas vigentes, gerando excessiva autovolição e autocobrança. Assim,

o advento da sociedade líquido-moderna significou a morte das principais utopias da sociedade e, de modo mais geral, da ideia de “boa sociedade”. [...] O foco na auto-reforma

se perpetua do mesmo modo que a falta de interesse e a desatenção com relação aos aspectos comuns da vida, que resistem à total tradução para os atuais alvos de tal auto-reforma. A desatenção à vida em comum impede a possibilidade de renegociar as condições que tornam líquida a vida individual. O sucesso da busca da felicidade, propósito declarado e motivo supremo da vida individual, continua a ser desafiado pela própria forma de persegui-lo. A infelicidade resultante justifica e vigora a política de vida autocentrada. Seu produto final é a perpetuação da liquidez da existência. (BAUMAN, 2007, p. 19)

Esta agudez da dimensão do risco e da possibilidade de autogestão da vida também encontra alguma singularidade na gênese histórica apontada por Foucault (1987), cujo modelo de relações de poder é fundado em duas mãos, sendo que por um lado há uma sociedade gerida biopoliticamente (com uma gestão populacional que passa pela economia política), cuja preocupação central é a “manutenção” da espécie e, por outro lado,

a nossa sociedade é uma sociedade disciplinar, onde existe uma anatomo-política do corpo, que é adestrado num conjunto de práticas para manter/regular esta sociedade de risco. É neste mundo da sociedade do risco onde a gente assiste ao surgimento de alguns tipos de práticas novas, ou algumas formas novas de demandas ou de queixas que vale a pena ficar atentos para elas. [...] Assim, o assédio se transforma numa queixa e mesmo numa forma de sofrimento, num mundo onde não temos mais instâncias de mediação seguras a quem a gente pode claramente reclamar as nossas demandas. (BIRMAN, 2013)

Birman (2013) ainda enfatiza que nos tempos atuais o sujeito de conflito (impulsos-desejos X interditos) sai de cena e, em seu lugar, diferentemente da época de Freud, outras formas de pensamento ocupam o centro das atenções. Assim, o ‘corpo’, a ‘ação’ e o ‘sentimento’ compõem uma cartografia que fala de uma série de mal-estares, tendo o jovem de classe baixa como fiador desta anomalia social. E o preço a ser pago é alto. Na corrida para ser aceito, e diante de um cenário desafiador e aparentemente inalcançável, a depressão, em suas mais variadas matizes, é um mal que vem assolando de maneira insistente as populações jovens.

Homogeneidade disfarçada de atitude

Bauman (2013) enfatiza que há uma forte tensão e exigência – às vezes, até mesmo sob a forma de assédio e violência –, por parte dos atores sociais contemporâneos, para que os jovens, de alguma maneira, se transformem em seres autoconstruídos e singulares. Sobre o mesmo assunto, Hall (2014, p. 9) diz que as

transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um **sentido de si** estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo descolamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma **crise de identidade** para o indivíduo.

Nos meios de comunicação, a materialização de ideais de juventude se dá de muitas maneiras. No caso em questão ocorre, sobretudo, a partir da inserção de modelos físicos e tipos psicológicos padronizados que são expostos em novelas, filmes e propagandas. Há, portanto, um movimento de homogeneização em detrimento da diversidade étnica e cultural do país. Esta padronização, ao que parece, é uma estratégia para impelir os jovens ao consumo – de tendências, ideais de corpos, etc.

A tendência, assim, é que os indivíduos sejam “estritamente semelhantes a todos os outros

pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns – comumente reconhecíveis e legíveis” (BAUMAN, 2007, p. 26). Ou seja, para que os outros se convençam de que suas estratégias de vida são aceitáveis, o jovem acaba não percebendo que de alguma forma recusa a possibilidade de exercer a escolha individual, a menos que não queira ter seu esforço chancelado pelas estruturas sociais das quais faz parte, o que parece pouco provável. Tem-se como exemplo a busca que o jovem trava em torno de um ideal de corpo para, em alguma medida, ser aceito pelo grupo. Neste sentido, na contemporaneidade, a busca por academias de musculação surgem como uma promessa de inserção destes jovens no cenário do corpo musculoso, tonificado e, logo, aceitável.

Nesta busca para desvelar e tornar pública a autenticidade do “verdadeiro eu” (BAUMAN, 2007, p. 28), aumenta a demanda por profissionais tais como *personaltrainer*, psicólogos e cirurgiões plásticos que irão compor uma espécie de cartografia para a mudança e que, dentro da mesma lógica das vendas do atacado, oferecem serviços que aparentemente remetem à maiêutica socrática – no sentido de dar a luz ao conhecimento -, mas que no final das contas “só tem valor reconhecido depois de convertidos à moeda atualmente mais comum e, portanto, mais amplamente usada” (Idem, *Ibidem*, p. 29).

Ou seja, o processo mesmo de individualidade evidencia em si uma contradição que, a princípio, parece insolúvel. Aliás, ela carrega em si uma impossibilidade conceitual, já que o jovem “precisa da sociedade simultaneamente como berço e como destino” (Idem, *Ibidem*, p. 29) de suas investidas. Estaria aí, então, uma hipótese para o aumento da violência e da desesperança entre os jovens (BIRMAN, 2013).

É importante ressaltar que, enquanto por um lado a sociedade pressiona para que o indivíduo se porte como alguém capaz de expressar originalidade e autogestão, num provável desdobramento das relações de poder já apontadas por Foucault (1987) em sua genealogia do poder, por outro lado ela também fornece os meios para se conviver com esta impossibilidade, o que resulta num cenário de constante insatisfação e perene sentimento de fracasso e autoviolência, se não respeitadas as particularidades de cada jovem.

Individualidade em construção

Igualmente, assim como em Birman (2013), Bauman (2007) diz que o surgimento da individualidade como categoria central das preocupações cotidianas apontou para um intenso desmonte das antigas redes de proteção social que, se bem ou mal feito, ainda garantiam alguma forma de regulação e/ou mediação dos conflitos entre os seus integrantes. Neste ínterim,

Progressivamente, os padrões da rotina diária foram deixando de ser vistos como incontestáveis e auto-evidentes. O mundo da vida cotidiana estava perdendo sua auto-evidência e a “transparência” de que havia usufruído no passado, quando os itinerários existenciais eram livres de encruzilhadas e de obstáculos a serem evitados, negociados ou forçados a abrir caminho (BAUMAN, 2007, p. 31)

No bojo deste esforço que o jovem deve fazer para provar sua aparente (e constante) autoipoiese – conceito da biologia originalmente empregado para falar do autogerenciamento dos organismos e que é usado nas ciências humanas para destacar as habilidades humanas de se adaptar às mais diferentes circunstâncias -, muitas vezes ele não percebe que “a individualidade é o produto final de uma transformação *societária* disfarçada de descoberta *pessoal*” (Idem, *Ibidem*, p. 31 – grifo do autor). Ora, isso quer dizer que, mesmo experimentando certo grau de liberdade e de individualidade, isso por si só não assegura tacitamente a livre escolha, já que o jovem é invariavelmente pressionado pela difusa dimensão do fato social. Por esta ótica, o que se chama de autorreferência e individualidade pode ser decorrente, dentre outras coisas, de negociações mais profundas e, por vezes, sutis, já que

as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua

sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro delas. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda esta rede humana móvel (ELIAS, 1994, p. 48)

De qualquer forma, no tecido social e em parte dos discursos midiáticos hegemônicos (CHAUI, 2006), predomina a ideia de que as pessoas de forma geral e os jovens em particular são os responsáveis pelos caminhos que estão percorrendo. Esta é a tônica, inclusive, de parte da fundamentação ideológica do capitalismo liberal, que de modo geral nega que o indivíduo autogestor não passa de uma ficção, fruto de pressões mercadológicas (BAUMAN, 2007). No entanto,

Embora o direito e o dever da livre escolha sejam premissas tácitas ou reconhecidas da individualidade, não são suficientes para assegurar que o **direito** a esta possa ser usado. Portanto, a prática da individualidade não necessariamente corresponde ao padrão imposto pelo **dever** da livre escolha. Na maior parte do tempo, ou em algumas ou em várias situações, muitos homens e mulheres consideram a prática da livre escolha fora de alcance. (Idem, *Ibidem*, p. 33, grifos do autor)

Em países como o Brasil a prática de livre escolha está fora do alcance de muitos jovens por vários motivos, mas dois se destacam: o desemprego crescente entre os jovens de classes baixas economicamente e a impossibilidade de se adquirir tudo, seja pela profusão de ofertas, seja pelo contrassenso lógico da dinâmica de consumo, que se retroalimenta a partir de uma busca incessante pela novidade.

Diante destas circunstâncias, a individualidade-originalidade de fato parece ser algo bem mais complexo do que se prega. Os processos de formações identitárias entre jovens trazem consigo uma série de efeitos colaterais, sendo que a relação deste jovem com o seu corpo (BIRMAN, 2013) emerge como uma das principais fontes de tensão na contemporaneidade. Isso ocorre porque

Novos símbolos de distinção em oferta prometem conduzi-lo ao seu objetivo e convencer todos os que você encontra na rua ou visitam sua casa de que você de fato chegou lá – mas também invalidam instantaneamente os símbolos que prometiam fazer o mesmo por você um mês ou um dia antes. Na corrida pela individualidade, não há intervalo. (BAUMAN, 2007, p. 35)

Neste ínterim, Birman (2013) diz que o mal-estar se acentua porque, de modo geral, se está sempre aquém tanto da condição considerada ideal para a sanidade física, quanto distante do desempenho corporal adequado. No fundo, o esforço que tais jovens fazem para se ajustar a padrões identitários aceitáveis pode revelar, também, uma inabilidade em lidar com a perda, a frustração e a finitude. Sobre este tema, tem-se que

O narcisismo moderno é um narcisismo defensivo, voltado para o investimento do corpo, que se tornou foco de sofrimento e ameaça de morte pela ação da violência. Esta hipótese choca-se aparentemente com as teses sobre o hedonismo da sociedade contemporânea. Porém, a nosso ver, esta faceta vendável da ideologia do bem-estar é divulgada para dissimular o medo do sofrimento e da morte, que apavoram o indivíduo moderno. (FREIRE COSTA, 2003, p. 235)

Vê-se, portanto, uma juventude impelida a preservar ideais de beleza, consumo e práticas diversas que podem denotar, no final das contas, uma espécie de recusa ao amadurecimento e a

velhice, o que já vem sendo objeto de estudo em trabalhos do gênero.

Além disso, a Pós-Modernidade se configura como uma recusa a narrativas longas, que remetam a processos históricos (PONDÉ, 2014). Vê-se, então, uma evidente mudança do lócus do dever moral (troca-se a segurança pela liberdade).

Considerações finais

A Pós-Modernidade, o cuidado com as questões sociais e com o desenvolvimento das instâncias da razão cede lugar à fragmentação, notadamente naquilo que se refere às perdas dos potenciais de unificação e simbolização que orbitavam em torno da política. Sobra, então, um panorama de total ausência de mediadores e que, metaforicamente, joga a todos numa intensa vertigem existencial. No mais, isso fez com que as pessoas ficassem entregues ao jogo de suas próprias intensidades (intensidades sem controle).

Neste contexto, o sujeito prefere explodir pela ação a implodir o seu corpo, já que isso é uma questão narcísica. Mas esse sujeito nem sempre pode escolher. Na medida em que é tomado por intensidades, e que essas intensidades o ultrapassam – e onde ele não pode regular não apenas as intensidades, mas o próprio jogo das identidades que têm que administrar. Assim, a dinâmica de individualização, da forma como vem sendo conduzida, gera uma gama de jovens descontentes e frustrados, que constantemente impigem a si próprios uma gama de atos de violência, sendo o excesso de autoexigência o mais comum. Isto ocorre porque, para que haja os vencedores, necessariamente deve-se fazer surgir a classe dos excluídos e inaptos.

Ter e aparentar originalidade custa caro, sendo, portanto, um privilégio que requer esforço *ad eternum* para que o indivíduo, mais à frente, não se depare com o fantasma da invisibilidade.. Além do mais, a possibilidade de que todas as pessoas usufruam de um processo de individualização e de formação identitária adequado (aos padrões liberais de consumo) é inalcançável porque a cada dia mais pseudo necessidades e produtos são criados na busca de consumidores.

A questão, portanto, não se resume às subjetividades e relações sociais e políticas, mas, em igual medida, entremeia um modo de vida que interfere diretamente nas dinâmicas culturais, criando um problema que aparentemente é de ordem individual que acomete, sobretudo, os jovens contemporâneos. É preciso pensar, pois, nas gerações futuras, amplamente impactadas por um modo de vida que, de acordo com Bauman (2007), Birman (2013) e Freire Costa (2004), afirmou a autoviolência e a vertigem existencial – falta de perspectiva no futuro – como aspectos aceitáveis.

Referências

ARENDET, Hannah. **As origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

BAUMAN, Zygmund. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BIRMAN, Joel. Novas formas de subjetivações. In: **CPFL CULTURA – INVENÇÃO DO CONTEMPORÂNEO**. Campinas-SP: CPFL, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ov9CKqKiAeE>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE COSTA, Jurandir. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

ORTEGA, Francisco. **Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Orgs). **Culturas jovens - novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do ressentimento**. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

_____. **Invenção do Contemporâneo: Diagnóstico de Zygmunt Bauman para a Pós-Modernidade** – In **Café Filosófico**. Campinas: CPFL Cultura, 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qx-tRVyMphk>>. Acesso em 26 jun. 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

SODRE, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 2001.

Recebido em 14 de setembro de 2017.

Aceito em 18 de maio de 2018.